

Apresentação

O ensino de Português como língua não-materna é uma área de atuação profissional antiga, remontando, provavelmente, à primeira vez que alguém foi reconhecido como estrangeiro em uma comunidade e precisou de outro alguém que a ensinasse. O mesmo não se pode dizer das reflexões mais organizadas sobre essa prática.

Políticas linguísticas voltadas para o ensino de outras línguas estrangeiras, falta de interesse pelo trabalho com a língua portuguesa, falta de visibilidade do trabalho realizado por esses profissionais, falta de oportunidades de capacitação dos que atuam na área, seja em comunidades de língua portuguesa, seja em comunidades em que essa é uma língua de minorias. Entre outros, esses fatores mantiveram essa área restrita a uma prática alicerçada em conhecimento empírico, advindo de formações para o ensino de outras línguas ou da absoluta necessidade prática de pessoas que se veem, em algum momento da vida, na situação de terem na sua frente alguém que precisa aprender a língua e que encaram esse desafio.

A área, como se pode perceber, é multifacetada. Ensina-se a adultos e crianças; ensina-se em comunidades em que o Português é hegemônico e em lugares em que essa língua é restrita a uma família; ensina-se a quem tem vontade de aprender e àqueles que precisam dela para viver em um lugar para o qual precisaram ir. Ensina-se a profissionais atuantes em diferentes áreas e a pessoas cujo interesse está nas memórias afetivas da língua. A cada situação corresponde uma necessidade específica, uma característica do aluno, um comportamento do profissional. Tudo isso é, muitas vezes, descoberto durante a prática profissional, em uma conversa com o aluno ou à custa de situações por vezes difíceis ou embaraçosas.

Esse cenário vem sendo alterado nas últimas duas décadas, com a realização de eventos destinados à socialização de conhecimento na comunidade de professores. Os eventos representam oportunidades de divulgação de pesquisas e de relatos de experiência, que arejam

práticas cotidianas dos profissionais e os estimulam a procurar mais informações, em cursos de formação.

Esses cursos de formação específica na área, impulsionados pela entrada de professores que se dedicam à área nas graduações e pós-graduações e por iniciativas de empresas de ensino de línguas que estão mais atentas a esse público, ajudam o profissional a desenvolver suas habilidades. Mas ainda há uma enorme lacuna nessas formações, que chegam a poucos, ainda que a tecnologia tenha facilitado o acesso dos que se interessam por essa possibilidade.

As associações contribuem para aumentar a visibilidade do trabalho profissional e congregam colegas dispersos. A dispersão é outra característica da nossa área: é ainda bastante comum haver professores atuando isoladamente em uma instituição ou em um trabalho individual, sem conexões com outros profissionais. Isso dificulta trocas mais frequentes e torna ainda mais valiosos os momentos de reunião de grupos.

A presente publicação se insere como mais uma iniciativa de divulgar o que tem sido pensado e feito nessa área de ensino e pesquisa. Profissionais e pesquisadores se dispuseram a dedicar tempo e esforço para socializar suas experiências e nós, editores desse número da revista Veredas, acolhemos e organizamos esse volume.

O volume é composto por vinte artigos, produzidos por autores advindos de lugares e instituições bastante variados. Isso fala bastante de como nossa área vai se configurando em diferentes espaços e gerações, o que se observa pela presença de autores em início de carreira assim como de veteranos.

O conjunto de artigos aqui reunidos mostra, além de uma maior variedade nas origens dos autores, uma tendência a se escrever a partir de pesquisas em áreas do nosso trabalho que têm ganhado força nos últimos anos no Brasil. Assim, há vários artigos cujo foco é algum aspecto do ensino de português a pessoas em situação de refúgio ou em outra situação de migração forçada. Isso revela a atualidade das discussões e o quanto se tem pensado nessas questões emergentes.

Há artigos que versam sobre questões de caráter linguístico, deslocados da visão mais tradicional de gramática, observando elementos da língua não muito frequentes nos compêndios gramaticais, mas corriqueiros nas aulas de língua.

Há um artigo que tem como pano de fundo discussões travadas em mídias sociais sobre a própria área, abordando especificamente o modo como nomeamos aquilo que estudamos.

Finalmente, há uma perspectiva decolonial que perpassa vários dos textos, seja no tema abordado, seja no olhar sobre as pessoas que são partícipes dessa cena complexa em que

atuamos.

Agradecemos a quem nos confiou o fruto de seu trabalho, a quem nos ajudou a selecionar e muitas vezes a refinar algumas propostas e esperamos que a leitura dos artigos seja proveitosa.

Em março de 2022.

Profa. Dra. Denise Barros Weiss (UFJF)

Profa. Dra. Adriana Rebello (UFF)
